



José Cardoso Pires

LISBOA DESABITADA

As vezes penso e estremeço com a impiedosa descaracterização de Lisboa que a ditadura do Estado Novo levou a cabo através de grãos-mestres da urbanização instalados na tribuna da Praça do Município. Durante quase meio século, nesse coreto de patos-bravos cantou de alto toda uma dinastia de Salvações Barretos, Françaes Borges e outros autarcas de patriótico oportunismo que desfiguraram a cidade com a ajuda de arquitectos e escultores subservientes às mitolo-

Depois dos autarcas da Ditadura e do paternalismo autoritário do consulado de Krus Abecasis, Lisboa parece finalmente abrir-se ao diálogo. Está destroçada por um passado em esclerose definitiva, é certo; mas o cidadão saiu de uma longa indiferença cívica para a interrogar como coisa dele.

gias da Revolução nacional. Foi um tempo, lembro-me bem, em que a imagem cidadina era fervorosamente distorcida por um tradicionalismo provinciano inspirado no Integralismo: queria-se uma cidade, sim, mas sem as heresias da mentalidade urbana.

Ironicamente, tudo isto se fazia em nome da chamada Política do Espírito, cristamente iluminada pelos capitães da Censura, e sabemos o que resultou desse quase meio século: a Lisboa que tivemos de enfrentar depois do 25

de Abril. Dela, em matéria de arte, apenas nos ficaram, como saldo positivo, algumas obras de Almada, Canto da maia, Botelho e Jorge Barradas, e no capítulo da literatura nada que importe registar.

Na verdade, o lugar marginal que os ilustrados autarcas da Lisboa desse tempo concediam às artes e às letras obedecia necessariamente à lógica do Regime. Literatura era um domínio maldito, uma heresia indomável, e os censores que o dissessem. Artes plásticas, enfim, aí já os interesses se podiam conciliar, se bem que devessem respeitar certos pressupostos. Aí, o que acima de tudo se pretendia era criar um gosto oficial; à falta dele, uma leitura tanto quanto possível romântica da realidade urbana (Almada e Carlos Botelho, entre outros) ou uma exaltação do tradicionalismo num “remake” modernista do folclore provinciano.

Com a literatura aconteceu pior. Recusando o colaboracionismo com a autocracia do poder e segregados pelos patriarcas da Praça do Município, os escritores de real significado não nos deixaram qualquer abordagem da Lisboa dessa época. Excluo os poetas, já se vê. Desses, não deixo de citar Pessoa e David Mourão-Ferreira, mas recorro sobretudo Alexandre Neill que, em caligrafia travessa, nos descreveu a capital em festim de “feira cabisbaixa”.

Por tudo isto, não foi evidentemente por acaso que, na agonia da Ditadura e na Democracia que se lhe seguiu, Lisboa fosse redescoberta como tema de literatura e que na sinta-

xe rural que dominava até aí a nossa ficção viesse a dar lugar a uma prosa claramente cidadina.

● que habita uma cidade não é a população que lhe anda pelas ruas sem diálogo com a paisagem que percorre. O que a habita e lhe dá configuração é o seu compromisso cultural com o traçado em que ela se desenha e com os habitantes que lhe dão vida. Mais: é também, se me permitem, a cor e a voz que os artistas e os escritores lhe vão reconhecendo, para a tornarem mais visível e mais singular.

Falo hoje disto porque pressinto que todo um passado sombrio de Lisboa está em vias de ser vencido. Depois dos autarcas da Ditadura e do paternalismo autoritário do consulado de Krus Abecasis, a cidade parece finalmente abrir-se ao diálogo. Está destroçada por um passado em esclerose definitiva, é certo; mas o cidadão que faz parte do quotidiano em que ela se corrige e se desenvolve segue-a de perto. Saiu de uma longa indiferença cívica para a interrogar como coisa dele.

Agora nos transportes, na escola ou na rua, Lisboa tornou-se um tema do dia-a-dia, isso parece-me evidente. Há um olhar colectivo a acompanhar-lhe os movimentos e um questionar permanente sobre os problemas que ela enfrenta. E há também, ponto importante, sinais cada vez mais insistentes de uma relação cultural com a comunidade.

● que em si mesmo constitui uma outra forma de diálogo para libertar Lisboa do pecado de cidade durante tantos anos desabitada. ●